

ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E DEMANDA EFETIVA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Resenha de Miglioli, Jorge, *Acumulação de Capital e Demanda Efetiva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985. Publicada na *Revista de Economia Política* 5 (3), julho 1985: 151-153.

Este livro de Jorge Miglioli, que a *Revista de Economia Política* registra com evidente atraso, constitui uma contribuição importante para a compreensão do problema da demanda efetiva, ou seja, da questão central da macroeconomia. Profundo conhecedor do pensamento de Marx e de Kalecki, Miglioli decidiu estudar neste livro a teoria marxista sobre a demanda efetiva. Entretanto, como legítimo discípulo de Kalecki, Miglioli não adotou, para tratar o assunto, a linguagem arrevesada e geralmente pouco compreensível usada pelos imitadores de segunda mão de Marx. Pelo contrário, em estilo simples e direto, didático mesmo, Miglioli apresenta, discute e critica a evolução do pensamento marxista a respeito da demanda efetiva, que durante longo período foi chamada de problema da realização. Propositamente não discute Keynes, embora faça diversas referências à sua contribuição fundamental nessa área.

O livro é constituído de cinco partes. Na primeira parte o autor descreve a Lei de Say, ou seja, a base do pensamento clássico ortodoxo, que ignora o problema da demanda efetiva e reduz a economia a um problema de produção e distribuição. A despesa é igual à produção e à renda; o pleno emprego está automaticamente garantido; os investimentos dependem dos lucros (ou da poupança). E os lucros serão tanto mais altos quanto mais baixos os salários. Ainda nessa parte, discute os primeiros opositores, Malthus e Sismondi. O capítulo sobre Malthus é especialmente interessante, principalmente quando Miglioli analisa o pensamento de Malthus sobre a necessidade lógica do consumo dos capitalistas: se estes acumularem seus lucros sem consumir, estarão apenas aumentando o consumo dos novos trabalhadores empregados.

A segunda parte, sobre Marx, é propositalmente resumida, já que a literatura sobre o assunto é muito extensa. No Capítulo 7, Miglioli tenta demonstrar, através de uma equação simples, que a oferta de mercadoria é naturalmente superior à demanda. Não foi convincente em seu raciocínio. Foi mais feliz no capítulo anterior, quando examinou o problema do dinheiro e a tendência ao entesouramento.

Na Parte III, temos os populistas e marxistas russos e o problema dos mercados. Os populistas estão em busca de uma tendência secular ao subconsumo, que só poderá ser evitado pelo comércio externo ou então pelo consumo dos trabalhadores improdutivos. A análise sobre Tugan-Baranovski é mais extensa e, a meu ver, discutível. Miglioli assinala corretamente que Tugan teve o mérito de demonstrar, com o uso dos esquemas de reprodução do Marx, que a acumulação do capital poderia ser teoricamente indefinida, desde que as proporcionalidades entre os diversos setores fosse mantida. Como o capitalismo é anárquico, entretanto, podem surgir crises de desproporção. Miglioli, entretanto, deixa de criticar Tugan porque este parou aí em sua análise, não explicando que tipo de crise de desproporção tendia a ocorrer e por quê.

Miglioli não faz essa crítica porque em seu livro ele deixa de analisar dois problemas fundamentais relacionados com a demanda efetiva: o problema do subconsumo e do caráter cíclico da economia. Em relação ao problema dos ciclos, Miglioli é claro ao afirmar que decidiu não incluí-lo em seu livro. Ora, o problema da demanda efetiva só faz sentido se se quiser explicar o caráter cíclico do capitalismo. Quanto ao subconsumo, ele faz referências diversas vezes ao problema, mas não chega a fazer uma discussão satisfatória.

Essas duas omissões refletem-se na Parte IV, quando Miglioli faz uma excelente análise da contribuição de Rosa Luxemburgo. O autor nega o subconsumismo de Rosa Luxemburgo, quando é sabido que ela foi uma declarada e decidida subconsumista. Embora Miglioli não seja um marxista ortodoxo ou fundamentalista – a inclusive os critica – ele parece estar influenciado por esse tipo de marxismo quando se preocupa em “defender” Marx e Luxemburgo da acusação de subconsumistas. No caso de Luxemburgo, o que os marxistas e neomarxistas neokynesianos criticam é seu subconsumismo de longo prazo e estrutural, que revela uma compreensão imperfeita dos esquemas de reprodução; o que se deveria elogiar em Luxemburgo, como em Marx, é seu subconsumismo de curto prazo, a partir da “contradição entre a crescente capacidade produtiva e os estreitos limites da capacidade de consumo”. Essa contradição subconsumista de curto prazo está na base das crises cíclicas e de desproporção, ao mesmo tempo que é o problema fundamental da demanda efetiva. Os capitalistas, ainda que teoricamente pudessem, não tendem de fato a aumentar indefinidamente sua acumulação do capital. O consumo (e os salários), na expansão cíclica, não cresce proporcionalmente ao crescimento dos lucros e da acumulação, mas a um ritmo menor, produzindo o clássico processo de sobreacumulação, que afinal leva à reversão cíclica.

A última parte do livro é uma magnífica análise da macroeconomia de Kalecki. Os problemas fundamentais da demanda efetiva são aqui discutidos, a partir da análise dos determinantes do lucro – os investimentos – e dos determinantes dos investimentos – a taxa do lucro esperada, influenciada pelas variações no volume dos lucros, no estoque do capital, e pela introdução de nova tecnologia, que leva os capitalistas a esperarem uma

maior lucratividade dos novos investimentos, apesar da existência de capacidade ociosa.

Depois do escrever esse notável livro sobre a evolução histórica da macroeconomia marxista e neomarxista, que merecia inclusive tradução para outras línguas, Jorge Miglioli nos deve, agora, uma análise dos ciclos econômicos e, se possível, dos problemas atuais das economias contemporâneas, inclusive os problemas do desequilíbrio externo e da inflação, à luz da teoria marxista (e keynesiana) da demanda efetiva. Ao contrário da grande maioria dos marxistas, que apenas repetem ou interpretam Marx, Miglioli é um neomarxista capaz de pensar originalmente e com clareza. Depois do clássico livro do Paul Sweezy, *Teoria do desenvolvimento capitalista*, seu livro é agora uma leitura obrigatória para quem quer estudar macroeconomia do um ponto de vista marxista e keynesiano.